

AS VOGAIS MÉDIAS PRETÔNICAS NA VARIEDADE DO NOROESTE PAULISTA: UMA ANÁLISE SOCIOLINGÜÍSTICA

Márcia Cristina do CARMO^{1*}

Luciani Ester TENANI^{2**}

- RESUMO: No presente trabalho, analisa-se o comportamento variável das vogais médias pretônicas na variedade falada no noroeste paulista. Nessas vogais, encontra-se o fenômeno fonológico denominado **alçamento vocálico**, por meio do qual as vogais médias /e/ e /o/ são pronunciadas, respectivamente, como [i] e [u], como em *plijqueno* e *cfu]sturando*. Como fundamentação teórica, segue-se a *Teoria da Variação e Mudança Linguística*, proposta por Labov (1991 [1972]). Por meio da utilização do pacote estatístico GOLDFARB-X, verifica-se, como exemplo de resultado obtido, a seleção da variável **altura da vogal presente na sílaba subsequente à sílaba da pretônica-alvo** como a mais relevante para a realização do alçamento, tanto para /e/, quanto para /o/, com altos pesos relativos no que diz respeito às vogais altas, resultado que evidencia uma substancial atuação da **harmonização vocálica** para a aplicação do fenômeno. Outro resultado relevante é a pouca influência das variáveis sociais para a aplicação do alçamento, o que demonstra que esse fenômeno se relaciona, sobretudo, a informações de natureza linguística.
- PALAVRAS-CHAVE: Variação linguística. Sociolinguística quantitativa. Fonologia. Vogais médias pretônicas. Alçamento vocálico.

Introdução

Este artigo trata do comportamento variável das vogais médias pretônicas na variedade do Português do noroeste paulista, considerando-se variáveis linguísticas e sociais na investigação. O ponto de partida para esta pesquisa são os trabalhos de Silveira (2008) e de Carmo (2009), que descrevem, respectivamente, as vogais médias pretônicas em **nomes** e em **verbos** na variedade considerada. Verificou-se a necessidade de um trabalho que considerasse, além das variáveis sociais – que não foram investigadas nos trabalhos citados –, as mesmas variáveis linguísticas e os mesmos grupos de fatores que esses estudos consideraram, com

* Doutoranda em Estudos Linguísticos. UNESP – Universidade Estadual Paulista. Instituto de Biociências, Letras e Ciências Exatas - Pós-graduação em Estudos Linguísticos. São José do Rio Preto – SP - Brasil. 15020-020 - ma_crisca@yahoo.com.br

** UNESP – Universidade Estadual Paulista. Instituto de Biociências, Letras e Ciências Exatas – Departamento de Estudos Linguísticos e Literários. São José do Rio Preto - SP - Brasil. 15054-000 - lutenani@ibilce.unesp.br

o objetivo de realizar uma comparação mais sistemática entre as vogais médias pretônicas dessas classes gramaticais para a mesma variedade do Português Brasileiro (doravante, PB).

Nas vogais investigadas, pode ser encontrado o fenômeno denominado **alçamento vocálico**, por meio do qual as vogais /e/ e /o/ são pronunciadas, respectivamente, como [i] e [u], como em *m[i]nino* e *c[u]nserir*. Esse fenômeno é resultado, sobretudo, da atuação dos processos de: (i) **harmonização vocálica** (CÂMARA JÚNIOR, 2007; BISOL, 1981),¹ em que a presença de uma vogal alta na sílaba seguinte à da pretônica-alvo funciona como gatilho à aplicação do alçamento, como em *inv[i]sti* e *s[u]frido*; e/ou (ii) **redução vocálica** (ABAUURRE-GNERRE, 1981), em que, geralmente, verifica-se a influência do(s) ponto(s) de articulação da(s) consoante(s) adjacente(s) à pretônica-alvo para a realização do processo, como em *p[ik]eno* e *al[mu]çar*.

Esses processos têm sido investigados pelo fato de os comportamentos fonético-fonológicos das vogais médias pretônicas marcarem variação dialetal. Há mais de três décadas, vêm sendo realizados estudos sobre essas vogais em diversas variedades do PB. Podem ser citados, por exemplo, os trabalhos de Bisol (1981), sobre o dialeto gaúcho; Viegas (1987, 2001), acerca da variedade de Belo Horizonte (MG); Bortoni (1992), sobre a variedade falada em Brasília (DF); Yacovenco (1993), acerca do falar carioca; Celia (2004), sobre a variedade de Nova Venécia (ES); dentre outros.

Cabe ressaltar, no entanto, que estudos sobre vogais médias pretônicas em variedades faladas no Estado de São Paulo são relativamente recentes. Dessa maneira, o presente trabalho objetiva descrever e analisar essas vogais na variedade do noroeste paulista, contribuindo, de modo mais abrangente, no âmbito do projeto nacional ao qual está vinculado: o *PROBRAVO – Descrição Sócio-Histórica das Vogais do Português (do Brasil)*. Por meio desse projeto, são desenvolvidas discussões acerca das investigações sócio-históricas e linguísticas das realizações fonéticas das vogais em diversas variedades do PB. Embora esteja no horizonte da investigação sobre vogais traçar relações entre as variedades do PB, não será feito este percurso no presente artigo, sendo as considerações limitadas à descrição e à análise dos resultados para a variedade do PB do noroeste paulista.

Neste estudo (FAPESP 2009/09133-8, CAPES/PDEE 2563-11-8), foram levantados dados de 38 entrevistas do banco de dados IBORUNA, resultado do

¹ Também denominada **harmonia vocálica**. Cabe ressaltar, no entanto, que esse processo não corresponde à harmonia vocálica ocorrida em raízes verbais, que será apresentada mais adiante no presente trabalho. O processo de harmonização/harmonia analisado, nesta pesquisa, em relação ao alçamento vocálico consiste em uma regra **variável**. Neste trabalho, denomina-se o processo variável como **harmonização vocálica**, a fim de facilitar sua distinção em relação à regra **categorica** de **harmonia** presente na raiz verbal.

Projeto ALIP, que conta com amostras de fala espontânea de informantes da região do noroeste paulista. Para a análise dos dados, utilizou-se o pacote estatístico GOLDVARB-X e seguiu-se o arcabouço teórico da *Teoria da Variação e Mudança Linguística* (LABOV, 1991 [1972]), descrita na seção que se inicia a seguir.

Fundamentação teórica

Câmara Jr. (2007), com base em suas constatações sobre a variedade do Rio de Janeiro, afirma haver sete vogais orais em posição tônica no PB, sendo elas (CÂMARA JÚNIOR, 2007, p.41):²

Diagrama 1 – Vogais tônicas no PB

Altas	/u/				/i/	
Médias		/o/			/e/	(2° grau)
Médias			/O/		/E/	(1° grau)
Baixa			/a/			
		Posteriores	Central		Anteriores	

Fonte: Câmara Jr. (2007, p.41).

Segundo o autor, na posição pretônica, no entanto, há uma redução para cinco fonemas vocálicos, por meio de um processo de **neutralização**, desaparecendo a oposição entre 1° e 2° graus (conforme a denominação do autor), ou seja, entre as vogais médias-baixas e as vogais médias-altas, prevalecendo as vogais médias de 2° grau, as vogais médias-altas. Desse modo, segundo o autor, as vogais pretônicas podem ser representadas da seguinte forma (CÂMARA JÚNIOR, 2007, p.44):

Diagrama 2 – Vogais pretônicas no PB

Altas	/u/			/i/
Médias		/o/		/e/
Baixa			/a/	

Fonte: Câmara Jr. (2007, p.44).

Os fonemas referentes às vogais médias-altas em posição pretônica podem ser realizados foneticamente como vogais médias-altas, vogais altas ou, ainda, em determinadas regiões do Brasil, como vogais médias-baixas. De acordo com Câmara Jr. (2007), isso ocorre por conta de “uma assimilação aos traços dos outros

² No presente artigo, por motivos de ordem prática, as vogais médias-baixas anterior e posterior são representadas como, respectivamente, /E/ e /O/.

sons contíguos ou um afrouxamento ou mesmo mudança de articulações em virtude da posição fraca em que o fonema se acha” (CÂMARA JÚNIOR, 2007, p.35).

Como já apresentado, nas vogais médias pretônicas na variedade do interior paulista, pode-se encontrar o **alçamento vocálico**, por meio do qual as vogais médias /e/ e /o/ são pronunciadas, respectivamente, como as altas /i/ e /u/, como em *p[i]dido* e *c[u]ntinua*. Por sua vez, o **abaixamento vocálico**, que ocorre em vocábulos como *p[E]r[E]reca* e *c[O]lega*, característico, sobretudo, do Norte e do Nordeste do Brasil, não é encontrado nas vogais médias pretônicas na variedade considerada neste estudo.

Um dos processos que atuam para a aplicação do alçamento é a **harmonização vocálica** (CÂMARA JÚNIOR, 2007; BISOL, 1981), por meio da qual há a influência de uma vogal alta presente na sílaba seguinte à da pretônica-alvo, como em *pr[i]cisava* e *op[u]rtunidade*. Câmara Jr. (2007) constata que a harmonização se dá quando a vogal alta presente na sílaba seguinte à da pretônica-alvo é **tônica**. Bisol (1981), por sua vez, em seu estudo sobre a harmonização vocálica no dialeto gaúcho, afirma que “a contiguidade é um traço obrigatório do condicionador da regra da harmonização vocálica. E [...] a tonicidade da vogal alta imediata é traço variável, embora mais atuante que a contraparte átona” (BISOL, 1981, p.65).

Outro processo que acarreta o alçamento é a **redução vocálica** (ABAURRE-GNERRE, 1981), em que há a influência da(s) consoante(s) adjacente(s) à pretônica-alvo, como em *p[ik]eno* e *al[mu]çar*. Em termos articulatórios, segundo a autora, esse processo, que caracteriza enunciados de ritmo mais acentual, torna os segmentos mais semelhantes entre si pela diminuição de diferença articulatória da vogal em relação à(s) consoante(s), diminuindo o grau de sonoridade da pretônica.

Para as vogais médias pretônicas dos **nomes** na variedade do noroeste paulista, Silveira (2008) observou que o processo de **redução vocálica** é o mais relevante para a aplicação do alçamento. Para as pretônicas presentes em **verbos** na mesma variedade, Carmo (2009) identificou a **harmonização vocálica** como o processo mais atuante. A autora justifica essa diferença com base em certas informações morfofonológicas relacionadas à presença de vogal alta apresentadas pelos verbos, como: (i) os sufixos de segunda e de terceira conjugação /-i/ e /-ia/; e (ii) a ocorrência da **harmonia vocálica** na raiz de certas formas verbais de terceira conjugação, em que a vogal da raiz harmoniza seus traços de altura com a vogal temática subjacente /i/, como em *sentir* – *sinto* e *dormir* – *durmo*. Realizar uma comparação mais sistemática – considerando, por exemplo, as mesmas variáveis e, dentre elas, a **classe gramatical** – entre nomes e verbos no que tange ao alçamento vocálico foi uma das motivações para a realização do presente trabalho.

Nesta pesquisa, segue-se a *Teoria da Variação e Mudança Linguística* – também denominada *Sociolinguística quantitativa* –, proposta por Labov (1991 [1972]). Segundo essa teoria, as escolhas entre dois ou mais sons, palavras ou estruturas obedecem a um padrão sistemático regulado pelas **regras variáveis**, que expressam a covariação entre elementos do ambiente linguístico e do contexto social.

Essa realidade heterogênea e variável da língua pode levar à mudança linguística, como afirma Faraco (2005). Assim, para que exista mudança, é necessário que tenha havido variação. Nesse caso, a realização de uma variante se sobrepõe totalmente à da variante com a qual compete. No entanto, sabe-se que não necessariamente a variação acarreta mudança. As variantes podem se encontrar em variação estável, por exemplo.

Na literatura da área, a mudança linguística é descrita e explicada, sobretudo, segundo dois modelos: o modelo da **difusão lexical** e o **neogramático**. De acordo com o modelo **difusionista**, cada vocábulo apresenta sua própria história. As mudanças, implementadas a partir do léxico, são foneticamente abruptas e lexicalmente graduais. Já o modelo **neogramático** propõe que todas as palavras sejam atingidas indistintamente pela mudança linguística (mudanças lexicalmente abruptas e foneticamente graduais), e que as eventuais exceções à regra possam ser explicadas por analogia. Os dados de variação linguística podem ser interpretados à luz desses modelos, porém, neste artigo, não são traçadas essas relações, tendo em vista o objetivo de tratar dos resultados estatísticos para o alicamento vocálico no Português do noroeste paulista.

Após essa breve exposição do arcabouço teórico que fundamenta o presente trabalho, passa-se agora à metodologia utilizada.

Metodologia

O *cópus* desta pesquisa é constituído de 38 entrevistas³ retiradas da *Amostra Censo* do banco de dados IBORUNA, resultado do Projeto ALIP – *Amostra Linguística do Interior Paulista* – (FAPESP 03/08058-6), realizado no IBILCE/UNESP⁴.

³ No presente trabalho, são analisadas as falas de informantes do sexo masculino e feminino, 5 faixas etárias e 4 graus de escolaridade, o que totalizaria 40 entrevistas (2 x 5 x 4). Deve-se ressaltar, porém, que não há informantes – tanto do sexo/gênero masculino quanto do feminino – pertencentes à faixa etária de 7 a 15 anos que estejam cursando ou que tenham completado o Ensino Superior. Desse modo, são 38 os inquiridos analisados nesta pesquisa.

⁴ Disponível em: <<http://www.iboruna.ibilce.unesp.br>> (GONÇALVES, 2008). Acesso em: 13 ago. 2008.

O banco de dados é composto por dois tipos de amostras de fala: (i) *Amostra Censo*; e (ii) *Amostra de Interação Dialógica*.⁵ No primeiro tipo, foram coletadas amostras de fala espontânea de 152 informantes, com controle dos perfis sociais. Já no segundo tipo, foram coletadas amostras de fala em situações de interação, sem controle prévio dos perfis sociais. Para este trabalho, são utilizados inquéritos da Amostra Censo, por ser aquela que controla os perfis sociais, relevantes para esta pesquisa por resultar nas variáveis sociais analisadas.

Na Amostra Censo, são consideradas as seguintes variáveis sociais: (i) **sexo/gênero** (feminino/masculino); (ii) **faixa etária** (de 7 a 15 anos; de 16 a 25 anos; de 26 a 35 anos; de 36 a 55 anos e acima de 55 anos); (iii) **escolaridade** (1º ciclo do Ensino Fundamental; 2º ciclo do Ensino Fundamental; Ensino Médio e Ensino Superior); e (iv) **renda familiar** (até 5 salários-mínimos; de 6 a 10 salários-mínimos; de 11 a 24 salários-mínimos; e acima de 24 salários-mínimos).⁶

De cada um dos informantes, foram colhidos cinco tipos de relatos, sendo eles: (i) **narrativa de experiência pessoal**; (ii) **narrativa de experiência recontada**; (iii) **descrição**; (iv) **procedimento**; e (v) **opinião**. Para a presente pesquisa, foram consideradas apenas as narrativas de experiência pessoal, por se tratar de um gênero em que o informante desvia sua atenção para **o que** fala, ao invés do **modo** como fala. Labov (1991 [1972]) destaca a importância de se obter dados que se aproximem o máximo possível do vernáculo do informante. Para a obtenção desses dados, o autor propõe que o informante seja envolvido emocionalmente por meio de perguntas que recriem o que vivenciou. De acordo com Tarallo (2003, p.23), “a narrativa de experiência pessoal é a mina de ouro que o pesquisador-sociolinguista procura. Ao narrar suas experiências pessoais mais envolventes, ao colocá-las no gênero narrativa, o informante desvencilha-se praticamente de qualquer preocupação com a forma.”

Em relação às variáveis consideradas no presente estudo, têm-se, como variável dependente, a realização e não realização do fenômeno de alçamento vocálico nas vogais médias pretônicas na variedade do noroeste paulista. Quanto às variáveis independentes, são consideradas dez de natureza linguística e três de natureza social, as quais são detalhadas a seguir:

⁵ Para cada gravação, existem uma ficha social do informante e um diário de campo, bem como a transcrição ortográfica da entrevista em questão. As transcrições ortográficas foram realizadas a partir de um *Manual do Sistema de Transcrição*, elaborado pelos coordenadores do projeto com base em algumas normas de anotação de córpus já conhecidas, como a do projeto NURC.

⁶ Dessas variáveis, na presente pesquisa, são consideradas apenas três: (i) **sexo/gênero**; (ii) **faixa etária**; e (iii) **escolaridade**. A exclusão da variável **renda familiar** é justificada pelo fato de ter sido observado, pelo coordenador do Projeto ALIP, ainda no decorrer da constituição do banco de dados IBORUNA, que essa variável está codeterminada pela **escolaridade**, tendo sido desprezada, portanto, ainda no âmbito da constituição do banco de dados.

- a) **Altura da vogal presente na sílaba subsequente à sílaba da pretônica-alvo** – A hipótese para essa variável é que vogais altas, como em *m[i]ntira* e *pr[u]curava*, por meio do processo de harmonização vocálica, favorecem o alçamento, ao passo que vogais médias-altas, como em *p[e]guei* e *desc[o]ntrolado*, médias-baixas, como em *env[e]lhece* e *p[o]lv[o]rosa*, e baixa, como em *s[e]ntada* e *b[o]tava*, tendem a inibi-lo;
- b) **Tonicidade da vogal presente na sílaba subsequente à sílaba da pretônica-alvo** – Por meio de seu cruzamento com a variável **altura da vogal presente na sílaba subsequente à sílaba da pretônica-alvo**, observam-se os resultados que podem contribuir para a discussão de Câmara Jr. (2007) e de Bisol (1981) sobre a relevância da tonicidade da vogal alta para a aplicação da harmonização vocálica, isto é, se a presença de vogal alta **átone** na sílaba seguinte à da pretônica, como em *m[o]bilidade* e *pr[o]curar*, exerce a mesma influência a favor do alçamento que a presença de uma vogal alta **tônica** na sílaba seguinte, como em *p[i]dido* e *d[u]mia*;
- c) **Distância entre a sílaba da vogal alta em relação à sílaba da pretônica-alvo** – Verifica-se a relação da contiguidade entre a vogal pretônica-alvo e a vogal alta, buscando corroborar a afirmação de Bisol (1981) de que tal processo não dá saltos. Desse modo, para as vogais que apresentam vogal alta em sílaba posterior à da pretônica, têm-se como fatores: (i) presença de vogal alta na sílaba seguinte à da pretônica-alvo, como em *a.cr[e].di.ta.va* e *c[o]ns.tru.ir*; (ii) distância de uma sílaba entre as sílabas da vogal alta e da pretônica-alvo, como em *p[e].r.ce.bi* e *c[o].nhe.ci*; e (iii) distância de duas sílabas entre as sílabas da vogal alta e da pretônica-alvo, como em *r[e].s.pon.sa.bi.li.da.de*;
- d) **Conjugação do verbo em que a pretônica-alvo ocorre** – Buscam-se confirmar, a partir de um *cópus* distinto e que considera diferentes perfis sociais, os resultados de Carmo (2009) para as vogais médias pretônicas dos verbos na variedade do noroeste paulista, que apontam que verbos de terceira conjugação, como *c[u]brindo* e *cons[i]guia*, apresentam maiores taxas de alçamento e maior probabilidade de realização do fenômeno, como também foi constatado por Collischonn e Schwindt (2004) para as vogais médias pretônicas nas variedades faladas nas três capitais do Sul do Brasil. Como justificativa para esse comportamento dos verbos de terceira conjugação, tem-se o fato de apresentarem: (i) a vogal temática alta /i/; (ii) sufixos com vogal alta; e (iii) harmonia vocálica na raiz verbal em certas formas de determinados paradigmas;
- e) **Grau de atonicidade da pretônica-alvo** – Objetiva-se observar: (i) se essa vogal sempre mantém seu caráter de átone, como, por exemplo, em *p[e]rigo* > *p[e]riculosidade*; (ii) se consiste em uma vogal que, em outras formas do mesmo paradigma, apresenta-se como tônica, como em *ad[o]rar* – *ad[O]ro*; ou (iii) se, mais especificamente, essa tônica pode ser uma vogal alta, como ocorre em certas formas verbais de terceira conjugação que apresentam harmonia vocálica na raiz verbal, como *d[u]mia* – *d[u]mo*. A hipótese é que as vogais que permanecem átonas – primeiro caso apresentado – têm maiores índices de harmonização do

que as do segundo tipo, ou seja, aquelas que apresentam atonicidade variável, mas sem alternância com uma vogal alta. Isso se justifica pelo fato de, conforme afirma Bisol (1981), terem um caráter permanentemente átono e, assim, estarem sujeitas a alterações. No entanto, acredita-se que o terceiro tipo, correspondente à atonicidade variável podendo ser vogal alta, seja o contexto mais favorecedor do açamento, devido a algum tipo de influência da harmonia vocálica na raiz verbal que ocorre em outras formas do mesmo paradigma;

- f) **Ponto de articulação da consoante precedente à pretônica-alvo** – Na literatura sobre o tema, é consenso que, em posição adjacente à pretônica-alvo, consoantes com alto ponto de articulação, como, por exemplo, as velares, como em *[k]eria* e *[k]omeçou*, tendem a favorecer o açamento dessa vogal, ao passo que consoantes com baixo ponto de articulação, como as alveolares, como em *[l]vei* e *[s]nhava*, tendem a inibi-lo. No presente estudo, visando a um novo tipo de olhar (em comparação a trabalhos já feitos para a mesma variedade do PB) no que diz respeito à influência do(s) ponto(s) de articulação da(s) consoante(s) adjacente(s) à pretônica-alvo – não mais à altura do corpo da língua, mas à sua posição ântero-posterior –, classificam-se esses segmentos segundo os seguintes pontos de articulação: (i) **coronal**, como em *pro[t]eção*; **dorsal**, como em *[k]orrendo*; e **labial**, como em *[p]olicial*. Tem-se, como hipótese, o favorecimento do açamento das pretônicas-alvo por parte de uma informação de homorganicidade em relação a esses segmentos consonantais, conforme mostra Carmo (2009), para as vogais médias pretônicas dos verbos na variedade estudada.⁷ Desse modo, espera-se que a pretônica /e/, uma vogal coronal, tenha seu açamento propiciado por consoante(s) coronal(is), ao passo que a vogal /o/, uma vogal dorsal e labial, tenha seu açamento favorecido por consoante(s) que apresentem esses pontos de articulação;
- g) **Ponto de articulação da consoante seguinte à pretônica-alvo** – Como ocorre no tangente à variável **ponto de articulação da consoante precedente à pretônica-alvo**, o ponto de articulação da consoante seguinte é classificado como: (i) **coronal**, como em *profe[s]or*; (ii) **dorsal**, como em *ne[g]ócio*; ou (iii) **labial**, como em *desco[b]rir*;
- h) **Estrutura da sílaba em que a pretônica-alvo ocorre** – Em relação a essa variável, utiliza-se a noção de sílaba proposta por Collischonn (1999) para o PB, baseada nas considerações de Selkirk (1982). Segundo a autora, a sílaba é constituída, necessariamente, por rima (núcleo) e, em geral – mas não necessariamente –, por um ataque, ambos podendo ser ramificados. A rima consiste em um núcleo e, quando ramificada, em uma coda. A partir dos dados levantados, consideram-se, então, as seguintes classificações de estruturas silábicas: (i) **ataque + rima (núcleo)**, como em *l[e]vou*; (ii) **ataque + rima (núcleo + coda nasal)**, como em *c[u]mpadre*; (iii) **ataque + rima (núcleo + coda sem ser nasal)**, como em *eng[o]rdei*; (iv) **ataque complexo + rima**

⁷ Para as vogais médias pretônicas dos nomes nessa variedade, tanto no que diz respeito à consoante precedente quanto à seguinte à pretônica, Silveira (2008) considerou os mesmos fatores que Bisol (1981): **alveolar, palatal, velar e labial**.

(núcleo), como em *agr[e]ssões*; (v) **ataque complexo + rima (núcleo + coda nasal)**, como em *apr[e]ndendo*; (vi) **ataque complexo + rima (núcleo + coda sem ser nasal)**, como em *empr[e]stada*; e (vii) **ataque + rima complexa (núcleo + coda complexa)**, como em *c[o]nstrangedor*. Um dos resultados que se procura encontrar é se a estrutura da sílaba com coda apresenta comportamento diferente de sílaba sem coda na influência para a realização ou não do alçamento;

- i) **Classe gramatical** – Como já mencionado neste trabalho, para as vogais médias pretônicas em nomes na variedade do noroeste paulista, Silveira (2008) identificou a redução vocálica como o processo mais atuante em favor da realização do alçamento. Para as vogais médias pretônicas em verbos na mesma variedade, Carmo (2009) apontou a harmonização vocálica como o processo mais relevante. Na presente pesquisa, considera-se a classe gramatical como uma variável a fim de se observar se eventuais diferenças no alçamento vocálico das vogais pretônicas de diferentes classes gramaticais – **nomes e verbos** – na variedade estudada são significativas estatisticamente e, em caso positivo, explicitar em que consistem tais diferenças; e
- j) **Vogal pretônica-alvo** – Com essa variável, objetiva-se verificar e explicitar possíveis diferenças em relação ao comportamento das vogais pretônicas /e/ e /o/ em relação ao alçamento. Na literatura acerca do tema, em geral, são feitas rodadas separadas para /e/ e /o/, e as porcentagens de aplicação do alçamento tendem a ser próximas. Para a presente pesquisa, propõe-se a realização de uma rodada que considere ocorrências de ambas as vogais pretônicas, classificadas e organizadas segundo a variável **vogal pretônica-alvo**, a fim de se observar se há significativas diferenças de comportamentos por parte dessas vogais, justificando e motivando, assim, a realização de diferentes rodadas para cada vogal.
- k) **Sexo/gênero** – Segundo Chambers (1995), a maioria dos estudos de cunho sociolinguístico constata que as mulheres, quando comparadas aos homens, usam menos as variantes estigmatizadas/não padrão. Pretende-se, portanto, verificar se há manifestações significativamente diferentes de vogal média pretônica na fala de pessoas dos sexos/gêneros **feminino e masculino**, observando, dessa forma, algum eventual estigma da forma alçada;
- l) **Faixa etária** – Por ser capaz de apontar diferentes manifestações das vogais médias pretônicas de acordo com a idade do falante, a faixa etária consiste na principal variável que indicia mudança linguística. Segundo Chambers (1995), diferentes faixas etárias que apresentem usos similares de determinada variante indicam variação estável. Se os mais jovens são os que mais apresentam determinado processo, tem-se, então, um indício de mudança em progresso; e
- m) **Escolaridade** – Objetiva-se averiguar se informantes com menos anos de estudo formal apresentam diferentes taxas de alçamento quando comparados a informantes com mais anos de escolaridade, ou seja, busca-se averiguar se a escolaridade do falante desempenha algum papel na aplicação do fenômeno na língua falada.

Concluída a apresentação das variáveis consideradas, devem-se explicitar os passos metodológicos seguidos durante esta pesquisa. Após a seleção do *cópus* e extração de cada ocorrência de vogal média pretônica, foram identificados o contexto em que a vogal estava inserida e seu comportamento em relação ao *alçamento* vocálico. No entanto, destaca-se a exclusão de certas ocorrências de vogais médias pretônicas presentes em determinados contextos, sendo eles:

- **Início de vocábulo** – Foram excluídas as vogais médias pretônicas presentes em início de palavra, como em *[i]scritório* e *[o]perou*, com base na afirmação de Bisol (1981), de que os princípios que regem o *alçamento* da vogal inicial não se identificam com aqueles referentes ao *alçamento* de uma pretônica interna.
- **Ditongo** – Nesse contexto, as vogais médias pretônicas são seguidas por semivogais, como em *tr[e]inamento* e *s[o]ubesse*, as quais não têm as mesmas propriedades de vogais *plenas*, e, por isso, não devem ser analisadas como gatilho ao *alçamento* por meio de harmonização vocálica da mesma forma que as demais vogais altas. Vale destacar também que, em algumas ocorrências de vogais médias pretônicas presentes em ditongo, é encontrado outro processo fonológico: a **monotongação**, por meio da qual a semivogal do ditongo é apagada, como em *d[e]xou* e *d[o]tor*, fazendo com que esse contexto mereça um estudo à parte e mais aprofundado.
- **Hiato** – Para os dados do dialeto gaúcho, Bisol (1981) verificou que o *alçamento* da vogal presente em hiato, como em *apr[ie]nsivas* e *j[ue]lho*, sobrepuja ao da vogal pretônica entre consoantes. Tal fato também foi verificado no tangente às vogais médias pretônicas na variedade do noroeste paulista, especialmente quando tal vogal é seguida de /a/ tônico, como em *massag[i]ando* e *raz[u]áveis*, contexto destacado por Câmara Jr. (2007), pelo fato de, nele, a aplicação do *alçamento* ser favorecida. Para que os resultados quantitativos da presente análise não sejam enviesados pela alta frequência de *alçamento* em vogais pretônicas presentes em hiato, tal contexto foi excluído desta análise.
- **Prefixo**⁸ – Segundo Bisol (1981), certos prefixos não se incorporam totalmente ao vocábulo com que combinam, possuindo traços de composição, que, conforme a autora, consiste em um ambiente pouco propício para o *alçamento* decorrente de harmonização vocálica. De acordo com a autora, o fato da existência de vocábulos como *pr[E]-requisito*, por exemplo, em que há uma vogal que não existe fonemicamente em posição pretônica, dá indícios de que a vogal prefixal não está sujeita à harmonização. Collischonn (2006) corrobora a ideia, afirmando que não há harmonização entre a vogal do prefixo e a vogal alta da palavra. Além disso, Bisol (1981) aponta que a vogal presente nesse contexto pode, em muitos casos, ser elidida, como com o prefixo *des-* em *[ds]colou* e *[ds]fez*.

⁸ Para a identificação/categorização dos prefixos, utilizou-se a seção de etimologia do dicionário *Houaiss*. Foram mantidos os casos em que, no latim, determinada forma já havia sido incorporada a outro vocábulo.

Após a exclusão das ocorrências presentes nesses contextos, foi feita a análise do conjunto de dados restantes, procedendo à análise de oitiva⁹ e à quantificação dos resultados obtidos. A análise estatística dos dados foi feita por programas do pacote estatístico GOLDFARB-X. Várias rodadas foram feitas. Os resultados obtidos a partir dessas rodadas são descritos e analisados a seguir.

Discussão e análise dos dados

Antes da realização de qualquer rodada, já se pôde constatar, por meio da observação dos dados, que: (i) certos vocábulos sempre apresentam o alçamento, como *m[i]nino* (18/18 ocorrências de alçamento) e *c[u]mida* (4/4); (ii) alguns vocábulos ora apresentam o fenômeno, ora não,¹⁰ como *prof[i]ssor ~ prof[e]ssor* (2/5) e *c[u]lega ~ c[o]lega* (4/18); e (iii) certos vocábulos nunca sofrem o alçamento, como *f[e]chou* (0/10) e *c[o]r[o]nei* (0/6).

Em um primeiro momento, foi realizada uma rodada com todas as vogais médias pretônicas, ou seja, uma rodada que englobou tanto as ocorrências de vogal pretônica /e/ quanto de pretônica /o/. O resultado geral pode ser observado por meio da tabela a seguir.

Tabela 1 – Aplicação geral do alçamento

Aplicação do alçamento	Não aplicação do alçamento	Total
16,3% (811/4967)	83,7% (4156/4967)	100% (4967/4967)

Fonte: Elaboração própria.

Como pode ser verificado, foram encontradas 4.967 ocorrências totais de vogais pretônicas, das quais 811 alçaram, o que corresponde a 16,3% dos dados levantados. Pode-se dizer que se observa uma taxa relativamente baixa de aplicação do processo, porém bastante próxima das frequências observadas por Silveira (2008) – 13% para /e/ e 14% para /o/ –, e Carmo (2009) – 16% para /e/ e 10% para /o/ –, para as vogais médias pretônicas de, respectivamente, nomes e verbos na variedade do noroeste paulista.

⁹ Cabe destacar que as gravações provenientes do banco de dados IBORUNA não apresentam qualidade que possibilite uma análise acústica por meio de recursos específicos, como o programa PRAAT. Nelas, são encontrados muitos ruídos, decorrentes, principalmente, do fato de as entrevistas não terem sido realizadas em cabines com isolamento acústico, o que justifica a não realização de análise acústica dos dados.

¹⁰ Esse comportamento variável do alçamento em um mesmo item lexical pode ocorrer, inclusive, na fala de um(a) mesmo(a) informante.

Para essa rodada com todas as ocorrências, as variáveis apontadas pelo programa estatístico como mais relevantes foram, em ordem decrescente:

1. **Altura da vogal presente na sílaba subsequente à sílaba da pretônica-alvo;**
2. **Conjugação do verbo em que a pretônica-alvo ocorre;**
3. **Estrutura da sílaba em que a pretônica-alvo ocorre;**
4. **Grau de atonicidade da pretônica-alvo;**
5. **Ponto de articulação da consoante precedente à pretônica-alvo;**
6. **Tonicidade da vogal presente na sílaba subsequente à sílaba da pretônica-alvo;**
7. **Vogal pretônica-alvo;**
8. **Escolaridade;**
9. **Distância entre a sílaba da vogal alta em relação à sílaba da pretônica-alvo;** e
10. **Sexo/gênero.**

Por ora, deve ser destacada a variável selecionada como a sétima mais relevante: **vogal pretônica-alvo**. Para essa variável, os resultados podem ser mais bem visualizados na tabela 2.

Tabela 2 – Aplicação do alçamento em relação à *vogal pretônica-alvo*

	Frequência	PR
<i>/e/</i>	16,1% (474/2936)	0.456
<i>/o/</i>	16,6% (337/2031)	0.563
Total	16,3% (811/4967)	

Input: 0.125

Signif: 0.009

Fonte: Elaboração própria.

Como pode ser observado, constata-se uma frequência ligeiramente maior de aplicação do alçamento no que diz respeito à vogal */o/* (16,6%), quando comparada a */e/* (16,1%). Verifica-se também que o fato de a vogal pretônica-alvo ser */e/*, como em *arr[e]galado* e *t[e]ntar*, mostra-se levemente desfavorecedor do alçamento (Peso relativo – doravante, PR – 0.456), ao passo que o fato de a vogal pretônica-alvo ser */o/*, como em *p[u]ssível* e *s[u]fri*, mostra-se levemente favorecedor da aplicação do fenômeno (PR 0.563). A partir do resultado de a variável **vogal pretônica-alvo**

ter sido selecionada como relevante à aplicação do alçamento, com diferentes comportamentos por parte de /e/ e de /o/, optou-se, neste trabalho, pela realização e apresentação dos resultados referentes a outras duas rodadas: uma para as ocorrências de /e/ e outra para /o/.

Antes da apresentação dos resultados dessas rodadas, cabe ressaltar que, ainda no que diz respeito à rodada em que todas as ocorrências foram consideradas, foram descartadas, pelo programa estatístico, as seguintes variáveis, também em ordem decrescente:

1. **Faixa etária;**
2. **Ponto de articulação da consoante subsequente à pretônica-alvo;** e
3. **Classe gramatical.**

Dessa lista, destaca-se, neste momento, o fato de a variável **classe gramatical** ter sido descartada. Pode-se dizer, portanto, que o fato de a vogal média pretônica pertencer a um nome ou a um verbo não apresenta, estatisticamente, diferença significativa no que diz respeito à aplicação ou não do alçamento dessa vogal. Com base nesse resultado, optou-se pela conservação dessas informações em termos de variável e pela não realização de rodadas distintas para vogais pretônicas de **nomes** e de **verbos**.

Dados esses resultados, as duas rodadas seguintes corresponderam às ocorrências de vogais pretônicas /e/ e /o/, separadamente, mas, como citado, sem dividi-las de acordo com as classes gramaticais dos vocábulos aos quais pertencem.

A partir dessas duas rodadas, no que diz respeito às variáveis consideradas e suas seleções pelo programa estatístico, tem-se o seguinte quadro:

Quadro 1 – Seleção de variáveis pelo programa estatístico

Variáveis	Pretônica /e/	Pretônica /o/
Altura da vogal presente na sílaba subsequente à sílaba da pretônica-alvo	1 ^a	1 ^a
Tonicidade da vogal presente na sílaba subsequente à sílaba da pretônica-alvo	5 ^a	não selecionada (3 ^a) ¹¹

¹¹ Entre parênteses, são indicadas as ordens, apontadas pelo programa estatístico, de eliminação das variáveis.

Variáveis	Pretônica /e/	Pretônica /o/
Distância entre a sílaba da vogal alta em relação à sílaba da pretônica-alvo	7 ^a	8 ^a
Grau de atonicidade da pretônica-alvo	3 ^a	6 ^a
Conjugação do verbo em que a pretônica-alvo ocorre	2 ^a	3 ^a
Classe gramatical	não selecionada (1 ^a)	não selecionada (1 ^a)
Ponto de articulação da consoante precedente à pretônica-alvo	não selecionada (2 ^a)	4 ^a
Ponto de articulação da consoante subsequente à pretônica-alvo	4 ^a	5 ^a
Estrutura da sílaba em que a pretônica-alvo ocorre	6 ^a	2 ^a
Sexo/gênero	não selecionada (3 ^a)	7 ^a
Faixa etária	9 ^a	não selecionada (2 ^a)
Escolaridade	8 ^a	não selecionada (4 ^a)

Fonte: Elaboração própria.

Como pode ser observado, a **altura da vogal presente na sílaba subsequente à sílaba da pretônica-alvo** foi considerada, tanto para /e/ quanto para /o/, a variável mais relevante no que tange à aplicação do alçamento. Esse resultado indicia haver a predominância do processo de assimilação regressiva entre vogais, ou seja, sinaliza a importância da harmonização vocálica na realização do alçamento das vogais médias pretônicas na variedade do noroeste paulista, o que será corroborado pelos resultados dos fatores referentes às vogais altas, apresentados mais adiante (cf. tabela 3).

A partir da segunda variável, as vogais médias /e/ e /o/ tiveram comportamentos diferenciados: para a primeira vogal, selecionou-se a variável **conjugação do verbo em que a pretônica-alvo ocorre** e, para a segunda, teve-se a **estrutura da sílaba em que a pretônica-alvo ocorre**. Para /e/,

continuam sendo relevantes variáveis relacionadas à **harmonização vocálica**, pois, como será visto adiante, a terceira conjugação – aquela que apresenta vogal temática /i/ e sufixos verbais com vogal alta – é o fator que apresenta maior PR. Para /o/, em segunda posição, está a influência de uma variável de outra natureza: **estrutura da sílaba**, que, para /e/, ocupa apenas a sexta posição. Já a atuação da **redução vocálica** é indicada pela seleção do **ponto de articulação de consoante precedente**, no caso de /o/, e **consoante seguinte**, no caso de /e/, como as variáveis que ocupam a quarta posição entre as mais relevantes à aplicação do alçamento. Para /o/, a atuação desse processo é observada também pela quinta variável: **ponto de articulação da consoante seguinte à pretônica-alvo**.

Um fato que deve ser destacado é a relativamente baixa influência das variáveis sociais em relação ao alçamento vocálico: quando selecionadas, ocupam as últimas posições (8ª e 9ª, de 9, para /e/, e 7ª, de 8, para /o/) em graus de importância na aplicação do alçamento. Dessa forma, pode-se dizer, de antemão, que o alçamento vocálico nas vogais médias pretônicas na variedade do noroeste paulista é um fenômeno relacionado, sobretudo, a informações linguísticas. Outro importante resultado relacionado às variáveis sociais é a **faixa etária** não ter sido selecionada para a vogal pretônica /o/, o que sinaliza que o alçamento dessa vogal se encontra em variação estável.

Deve-se destacar também o fato de a **classe gramatical** ter sido descartada tanto para /e/ quanto para /o/, assim como ocorrido na rodada em que foram consideradas todas as ocorrências. Desse modo, como essa rodada indicava, a classe gramatical não apresenta diferença em relação à aplicação ou não do alçamento da vogal pretônica.

Passa-se, agora, à apresentação dos resultados de acordo com as variáveis consideradas neste trabalho.

Resultados das variáveis linguísticas

Como dito anteriormente, a **altura da vogal presente na sílaba subsequente à sílaba da pretônica-alvo** foi selecionada como a variável mais relevante à aplicação do alçamento vocálico, tanto de /e/ quanto de /o/. Isso dá indícios da significativa atuação do processo de harmonização vocálica na aplicação do alçamento, especialmente se observados os resultados dos fatores relativos à presença de uma vogal **alta** na sílaba seguinte à da pretônica-alvo. Os resultados podem ser verificados na tabela a seguir:

Tabela 3 – Alçamento de /e/ e de /o/ em relação à altura da vogal presente na sílaba subsequente à sílaba da pretônica-alvo

	Pretônica /e/		Pretônica /o/	
	Frequência	PR	Frequência	PR
Alta anterior	48,3% (349/722)	0.943	44,1% (152/345)	0.846
Alta posterior	21,1% (19/90)	0.739	27,3% (18/66)	0.828
Média-alta	06,9% (89/1285)	0.549	13,4% (117/874)	0.575
Média-baixa	13,9% (16/115)	0.628	32,8% (42/128)	0.778
Baixa	00,1% (1/724)	0.034	01,3% (8/618)	0.141
Total	16,1% (474/2936)		16,6% (337/2031)	
	Input: 0.076		Input: 0.098	
	Signif.: 0.019		Signif.: 0.037	

Fonte: Elaboração própria.

Verifica-se, por meio da tabela, que os maiores PRs (0.943 para /e/ e 0.846 para /o/) correspondem à presença de uma vogal **alta anterior** na sílaba seguinte à da pretônica-alvo, como em *si|ntido* e em *p|u|dia*. Em segundo lugar (PR 0.739 para /e/ e 0.828 para /o/), tem-se a presença de uma vogal **alta posterior**, como em *si|gurar* e *g|u|rdura*.

O fato de a vogal alta anterior /i/ exercer maior influência (indicada pelos maiores PRs) no alçamento quando comparada à vogal alta posterior /u/ pode ser justificado pela posição mais alta da língua na cavidade bucal durante sua realização, conforme atesta Bisol (1981). Além de justificar o resultado que aponta a maior influência da vogal /i/ a favor do alçamento, essa explicação também elucida o resultado que constata que /u/ favorece mais o alçamento de /o/ (PR 0.828) do que o de /e/ (PR 0.739). Como afirma Bisol (1981, p.114), pelo fato de /u/ ser menos alta do que /i/, “é natural que não exerça sua força atrativa sobre /e/, pois convertê-la em /i/ seria provocar uma articulação mais alta que a própria”. Deve-se ressaltar, entretanto, que foram encontradas apenas 90 e 66 ocorrências de, respectivamente, vogais pretônicas /e/ e /o/ que apresentam, na sílaba seguinte, vogal alta posterior /u/. Esse baixo número de ocorrências pode ter enviesado os resultados, assim como os relativos à presença de vogal média-baixa [E] ou [O], como em *ac|o|ntece* e *colest|e|rol*, que, estranhamente, mostram-se favorecedores da aplicação do alçamento (0.628 e 0.778 para, respectivamente, /e/ e /o/). Por serem vogais mais baixas do que as médias-altas, esperava-se que tais contextos fossem desfavorecedores da aplicação do alçamento. Porém, observa-se que, nesse contexto, foram encontradas apenas 115 vogais pretônicas /e/ e 128 pretônicas /o/. Além

do baixo número de ocorrências, verifica-se que, dos 16 casos de alçamento da vogal /e/, 12 (75%) correspondem a *s[i]nhora(s)*. Do mesmo modo, das 42 ocorrências de alçamento de /o/, 31 (73,8%) dizem respeito somente a dois itens (de um mesmo paradigma): *m[u]leque* e *m[u]lequinho*. Esses itens lexicais podem ter seu alçamento explicado por redução vocálica, da qual se discorrerá mais adiante. Portanto, os resultados que mostram as vogais médias-baixas como favorecedoras do alçamento parecem estar enviesados, o que permite constatar que são as vogais **altas** as favorecedoras da aplicação do alçamento, por meio de um processo de harmonização vocálica.

No que tange à presença de vogal média-alta na sílaba subsequente à da pretônica-alvo, como em *p[e]scoço* e *alm[u]cei*, parece ser levemente favorecedora da aplicação do alçamento, com PRs 0.549 para /e/ e 0.575 para /o/. Por fim, a presença de vogal baixa, como em *g[e]lar* e *n[o]lmal*, como era esperado, é altamente desfavorecedora do alçamento, com PRs 0.034 e 0.141 para, respectivamente, /e/ e /o/.

Para se observar a atuação da **tonicidade** da vogal-gatilho presente na sílaba seguinte à da pretônica em relação à aplicação da harmonização, foi considerada a variável **tonicidade da vogal presente na sílaba subsequente à sílaba da pretônica-alvo**, mais precisamente o seu cruzamento com a **altura da vogal presente na sílaba subsequente à sílaba da pretônica-alvo**.¹²

Tabela 4 – Alçamento de /e/ e de /o/ em relação ao cruzamento das variáveis altura e tonicidade da vogal presente na sílaba subsequente à sílaba da pretônica-alvo

	Pretônica /e/		Pretônica /o/	
	Frequência	PR	Frequência	PR
Alta anterior tônica	57,7% (275/477)	0.860	60,7% (139/229)	0.674
Alta anterior átona	30,2% (74/245)	0.478	11,2% (13/116)	0.167
Alta posterior tônica	11,4% (5/44)	0.204	13,6% (3/22)	0.609
Alta posterior átona	30,4% (14/46)	0.464	34,1% (15/44)	0.667
Médias e baixas tônicas	4% (69/1735)	0.448	6,5% (68/1039)	0.379
Médias e baixas átonas	9,5% (37/389)	0.258	17% (99/581)	0.700
	Input: 0.202		Input: 0.079	
	Signif.: 0.035		Signif.: 0.043	

Fonte: Elaboração própria.

¹² Justifica-se esse cruzamento pelo fato de não se esperar que a tonicidade, por si só, exerça qualquer tipo de influência na aplicação do alçamento.

A tabela 4 mostra que, em relação à vogal alta anterior, a tonicidade é um fator bastante relevante para a aplicação do alçamento, já que a presença de uma vogal alta anterior **tônica** na sílaba seguinte à da pretônica-alvo, como em *ff[i]rida* e *desc[u]bri*, é favorecedora da aplicação do alçamento, tanto para /e/ (PR 0.860) quanto para /o/ (PR 0.674), ao passo que a presença de vogal alta anterior **átona**, como em *r[e]gistrou* e *m[o]vimento*, é levemente desfavorecedora da aplicação do alçamento da pretônica /e/ (PR 0.478) e fortemente desfavorecedora do alçamento de /o/ (PR 0.167).

Já em relação à vogal alta posterior, foram encontrados PRs e porcentagens maiores para a presença de vogal /u/ átona (PR 0.464 – 30,4% para /e/ e PR 0.667 – 34,1% para /o/), como em *r[e]cuperação* e *pr[u]curava*, do que a tônica (PR 0.204 – 11,4% e PR 0.609 – 13,6% para /e/ e /o/, respectivamente), como em *p[e]rgunta* e *v[o]lume*. Deve-se destacar que as ocorrências de vogal pretônica /u/ são mais escassas do que /i/ e do que o restante de vogais (médias-altas, médias-baixas e baixas, as quais foram amalgamadas em um só fator, tanto para /e/ quanto para /o/, por ter havido *knockouts*),¹³ o que pode ter enviesado os resultados. Além disso, para a vogal pretônica /e/, quando observados os dados, verifica-se que, das 44 ocorrências dessa vogal seguida por vogal **tônica** /u/, 20 (45,45%) correspondem a um mesmo vocábulo: *J[e]sus*. Trata-se de um nome próprio e de origem religiosa, o que influencia o comportamento da vogal pretônica em prol da manutenção da vogal média-alta. Esse dado pode ter enviesado o resultado que aponta ser a vogal /u/ tônica desfavorecedora do alçamento de /e/. Quanto à vogal pretônica /o/ com vogal átona /u/ em sílaba subsequente, deve ser destacado que, das 15 ocorrências de alçamento, 6 pertencem ao paradigma de *c[u]sturar* e 5 de *pr[u]curar*, totalizando 11 ocorrências (73,3%).

De qualquer forma, tem-se a informação relevante de que a tonicidade, tanto para /e/ quanto para /o/, não é determinante para a aplicação do alçamento, já que: (i) há casos de vogais médias pretônicas alçadas pelo gatilho **vogal alta átona**; e (ii) há casos de não alçamento de pretônica, apesar da presença de **vogal alta tônica** na sílaba seguinte. Porém, a tonicidade exerce importante papel no alçamento da vogal média pretônica /e/ em contexto homorgânico, isto é, com vogal alta anterior presente na sílaba seguinte. Esses resultados corroboram a afirmação de Bisol (1981) de que a tonicidade é um fator relevante, mas não determinante para a aplicação do processo.

Outra afirmação da autora é a de que a contiguidade da sílaba da vogal alta em relação à da pretônica-alvo é um fator obrigatório para a aplicação da

¹³ Não houve alçamento em: (i) nenhuma das 617 ocorrências de vogal pretônica /e/ com vogal baixa tônica na sílaba seguinte; e (ii) nenhuma das 3 ocorrências de pretônica /o/ com vogal média-baixa átona na sílaba subsequente.

harmonização vocálica. Desse modo, considerou-se, neste trabalho, a variável **distância entre a sílaba da vogal alta em relação à sílaba da pretônica-alvo**.

A princípio, foram considerados três fatores para essa variável, sendo eles: (i) **vogal alta presente na sílaba seguinte à da pretônica-alvo**; (ii) **uma sílaba entre as sílabas da vogal pretônica-alvo e a da vogal alta**; e (iii) **duas sílabas entre as sílabas da vogal pretônica e a da vogal alta**. No entanto, foi necessário o amálgama, por ter ocorrido *knockout* no fator **duas sílabas entre a vogal pretônica-alvo e a alta**.¹⁴ Dessa maneira, optou-se por amalgamar esse fator com o fator **uma sílaba entre as sílabas da vogal pretônica-alvo e a da vogal alta**. Os resultados dessa variável são apresentados na tabela a seguir.

Tabela 5 – Alçamento de /e/ e de /o/ em relação à distância entre a sílaba da vogal alta em relação à sílaba da pretônica-alvo

	Pretônica /e/		Pretônica /o/	
	Frequência	PR	Frequência	PR
Vogal alta presente na sílaba seguinte à da pretônica-alvo	45,4% (368/810)	0.451	41,6% (171/411)	0.575
Uma ou duas sílabas entre a vogal pretônica-alvo e a vogal alta	20,3% (27/133)	0.769	9,1% (15/164)	0.320
Total	41,9% (395/943)		32,3% (186/575)	
	Input: 0.076		Input: 0.098	
	Signif: 0.019		Signif: 0.037	

Fonte: Elaboração própria.

Para a vogal média pretônica /o/, os resultados foram em direção ao esperado: a presença de vogal alta na sílaba imediatamente seguinte à da pretônica-alvo, como em *d[u]rmia* e *g[u]rdura*, mostrou-se favorecedora à aplicação do alçamento (PR 0.575), ao passo que a presença de uma ou mais sílabas entre a sílaba da pretônica-alvo e a da vogal alta, como em *c[o]nheci* e *f[o]rmatura*, mostrou-se desfavorecedora (PR 0.320).

¹⁴ Para /e/, houve cinco casos que distavam duas sílabas, sendo eles: *d[e]legacia*, *ir[r]esponsabilidade*, *pr[e]ferencial*, *r[e]sponsabilidade* e *v[e]legativo*. Para /o/, houve apenas uma única ocorrência, sendo ela: *c[o]leçãozinha*. Nenhuma dessas seis ocorrências apresentou alçamento, resultando, portanto, em *knockout*.

Em relação à vogal pretônica /e/, os resultados são diferentes do esperado: a presença de vogal alta na sílaba seguinte à da pretônica-alvo, como em *acr[e]dito* e *j[e]jum*, mostra-se levemente desfavorecedora do alçamento de /e/ (PR 0.451), enquanto o fator **uma ou duas sílabas entre a vogal pretônica-alvo e a vogal alta**, como em *esp[e]táculo* e *ob[i]decia*, apresentou um alto PR (0.769). Esses resultados parecem estar enviesados pela pouca quantidade de dados (133) em comparação com o número de ocorrências de vogal pretônica que apresenta vogal alta na sílaba seguinte (810). Outro indício de que esse resultado merece uma interpretação cuidadosa é quando comparados os PRs e as porcentagens, uma vez que estas apontam resultados em direção oposta aos PRs. Se forem analisadas as porcentagens, atesta-se que, no fator que considera a contiguidade da vogal alta, a porcentagem (45,4%) é mais alta do que a encontrada para a vogal pretônica que dista uma ou duas sílabas em relação à sílaba em que a vogal alta está contida (20,3%), o que também é encontrado para /o/ (41,6% e 9,1%, respectivamente).

Bisol (1981) aponta a obrigatoriedade da contiguidade da vogal alta em relação à pretônica-alvo para a aplicação da harmonização vocálica, o que os resultados presentes na tabela 5 parecem, a princípio, refutar. No entanto, verifica-se, por meio da observação dos dados levantados, que todas as 42 ocorrências (27 de /e/ e 15 de /o/) de alçamento de vogal pretônica distante uma ou mais sílabas em relação à sílaba da vogal alta apresentam alçamento por outros motivos que não a influência direta dessa vogal. Dentre esses motivos, destaca-se a atuação da redução vocálica, como, por exemplo, em *[ku]nheci*, em que o alçamento decorre da influência da consoante dorsal/velar [k]. Dessa forma, os dados encontrados neste trabalho parecem corroborar a constatação de Bisol (1981) de ser obrigatória, para a aplicação da harmonização vocálica, a contiguidade da sílaba em que a vogal alta está presente em relação à sílaba da pretônica-alvo.

Como já apontado anteriormente, a **conjugação do verbo em que a pretônica-alvo ocorre** consiste em uma variável relevante para a aplicação do alçamento vocálico, tanto no que diz respeito à vogal pretônica /e/ (2ª posição) quanto à vogal /o/ (3ª posição). Os resultados desse grupo de fatores podem ser observados a seguir.

Tabela 6 – Alçamento de /e/ e de /o/ em relação à conjugação do verbo em que a pretônica-alvo ocorre

	Pretônica /e/		Pretônica /o/	
	Frequência	PR	Frequência	PR
1ª conjugação	07,9% (80/1014)	0.385	11,2% (100/892)	0.429
2ª conjugação	20,6% (100/485)	0.593	25,6% (73/285)	0.565
3ª conjugação	82,8% (101/122)	0.916	48,8% (39/80)	0.903
Total	17,3% (281/1621)		16,6% (212/1257)	
	Input: 0.076		Input: 0.098	
	Signif.: 0.019		Signif.: 0.037	

Fonte: Elaboração própria.

Como pode ser observado, verbos de terceira conjugação, como *p[i]dir* e *d[u]rindo*, apresentam maiores frequências de alçamento (82,8% para /e/ e 48,8% para /o/) e PRs (0.916 para /e/ e 0.903 para /o/) do que os verbos de primeira e de segunda conjugações. Enquanto verbos de segunda conjugação, como *m[i]xiam* e *p[o]der*, mostram-se levemente favorecedores da aplicação do alçamento (PRs 0.593 para /e/ e 0.565 para /o/), verbos de primeira conjugação, como *com[e]cei* e *pr[o]gramou*, mostram-se desfavorecedores do fenômeno, com PRs 0.385 para /e/ e 0.429 para /o/.

Como explicação para o comportamento de verbos de segunda e de terceira conjugações, tem-se que apresentam sufixos verbais /-i/ e /-ia/, que, como apontado por Carmo (2009), são favorecedores do alçamento.¹⁵ Como explicação para os maiores valores referentes a verbos de terceira conjugação, têm-se que: (i) apresentam vogal temática /i/; e (ii) algumas de suas formas sofrem harmonia vocálica na raiz verbal, processo já apresentado no presente trabalho. Tais informações morfológicas parecem exercer influência em prol da aplicação do alçamento vocálico.

Considerando ainda o processo de harmonia vocálica, foi analisada mais uma variável: **grau de atonicidade da pretônica-alvo**. Por meio dessa variável, buscou-se também testar a hipótese de o fato de a vogal pretônica que se

¹⁵ Segundo a autora, o sufixo modo-temporal de futuro do pretérito /-ria/, por sua vez, mostra-se fortemente desfavorecedor da aplicação do alçamento vocálico das vogais médias pretônicas dos verbos na variedade do noroeste paulista, resultado encontrado também por Collischonn e Schwindt (2004) para essas vogais nas variedades faladas nas capitais do Sul do país.

apresenta como tônica em determinadas formas do mesmo paradigma consistir em um fator desfavorecedor do processo, como constatado por Bisol (1981) para o dialeto gaúcho.

Tabela 7 – Alçamento de /e/ e de /o/ em relação ao grau de atonicidade da pretônica-alvo

	Pretônica /e/		Pretônica /o/	
	Frequência	PR	Frequência	PR
Atonicidade permanente	19,9% (281/1415)	0.743	20% (224/1122)	0.595
Atonicidade variável	12,7% (193/1521)	0.272	12,4% (113/909)	0.383
Total	16,1% (474/2936)		16,6% (337/2031)	
	Input: 0.076		Input: 0.098	
	Signif.: 0.019		Signif.: 0.037	

Fonte: Elaboração própria.

Como pode ser observado, a referida hipótese foi corroborada: para /e/, o fator **aticidade variável** obteve PR 0.272 e, para /o/, 0.383, sendo, portanto, desfavorecedor do alçamento para ambas as vogais. O fator **aticidade permanente**, por outro lado, apresenta comportamento favorecedor da aplicação do alçamento para /e/ (PR 0.743) e levemente favorecedor para /o/ (PR 0.595).

Cabe destacar que, para essa variável, foi considerado inicialmente um terceiro fator: **aticidade variável com vogal alta**, como em *m[i]ntia* (*mint*) e *c[u]brindo* (*ubro*). Sua consideração baseava-se na presença da harmonia vocálica na raiz verbal em certas formas de terceira conjugação, que se esperava ser altamente favorecedora do alçamento. Devido a resultado enviesado, para /e/, e *knockout*, para /o/, optou-se por amalgamar esse fator com a **aticidade variável**. No entanto, pelas altas porcentagens obtidas (79,4% e 100% para /e/ e /o/, respectivamente), já se tem um indício de que esse fator é favorecedor da aplicação do alçamento vocálico e que, desse modo, a informação sobre harmonia vocálica na raiz verbal exerce influência a favor da realização do fenômeno.

No que diz respeito à análise das variáveis referentes ao processo de **redução vocálica**, que trata dos pontos de articulação das consoantes adjacentes à pretônica-alvo, tem-se que a variável **ponto de articulação da consoante precedente à vogal pretônica** foi selecionada como relevante apenas à vogal pretônica /o/. Os resultados são apresentados a seguir.

Tabela 8 – Alçamento de /o/ em relação ao ponto de articulação da consoante precedente à pretônica-alvo

Pretônica /o/		
	Frequência	PR
Coronal	09,3% (53/569)	0.279
Dorsal	16,9% (162/956)	0.522
Labial	24,1% (122/506)	0.711
Total	16,6% (337/2031)	

Input: 0.098

Signif.: 0.037

Fonte: Elaboração própria.

Verifica-se que a presença de consoante labial, como em *al[mu]çar* e *[bu]né*, mostra-se favorecedora da aplicação do alçamento (PR 0.711). A consoante dorsal, como em *[ku]lega* e *[go]stava*, mostra-se levemente favorecedora da aplicação do alçamento dessa vogal (PR 0.522). Por fim, a consoante coronal, como em *[no]rma* e *[so]correr*, mostra-se desfavorecedora (PR 0.279) da aplicação do fenômeno. Esses resultados eram esperados, pelo fato de a vogal /o/ consistir em uma vogal labial e dorsal. Desse modo, os resultados encontrados indicam que a homorganicidade entre consoante precedente e pretônica /o/, no que diz respeito à posição **ântero-posterior**, consiste em uma informação relevante para a aplicação da redução vocálica na variedade do noroeste paulista.

No que se refere ao ponto de articulação da consoante **seguinte** à pretônica-alvo, tem-se a tabela 9:

Tabela 9 – Alçamento de /e/ e de /o/ em relação ao ponto de articulação da consoante subseqüente à pretônica-alvo

	Pretônica /e/		Pretônica /o/	
	Frequência	PR	Frequência	PR
Coronal	18% (360/2005)	0.497	16,5% (208/1264)	0.498
Dorsal	16,7% (89/532)	0.703	06% (11/184)	0.224
Labial	06,3% (25/399)	0.252	20,2% (118/583)	0.600
Total	16,1% (474/2936)		16,6% (337/2031)	

Input: 0.076

Signif.: 0.019

Input: 0.098

Signif.: 0.037

Fonte: Elaboração própria.

Para /e/, constata-se que a consoante coronal adjacente à pretônica, como em *n[en]ê*, mostra-se neutra em relação ao alçamento (PR 0.497). A consoante dorsal, como em *ap[ig]uei*, é favorecedora do alçamento (PR 0.703), apesar de a vogal /e/ não constituir uma vogal dorsal. Isso pode ser justificado pelo fato de, dentre as consoantes dorsais, estarem presentes as velares, que apresentam um alto ponto de articulação, favorecendo, assim, a realização do fenômeno.¹⁶ Já a consoante labial, como em *r[ep]ública*, é desfavorecedora, com PR 0.252. Esse resultado era esperado pelo fato de a vogal /e/ não apresentar o traço de labialidade.

Em relação à pretônica /o/, a coronal, como em *diret[or]ia*, mostrou-se neutra em relação à realização do alçamento (PR 0.498). A consoante labial, como em *c[um]eçou*, por sua vez, é favorecedora da aplicação do fenômeno (PR 0.600), o que era esperado, pois, conforme afirma Bisol (1981), consoantes labiais favorecem o alçamento de /o/, pelo fato de a vogal /u/ ser mais labializada do que /o/. No entanto, não se esperava que a consoante dorsal, como em *j[og]ar*, apresentasse comportamento desfavorecedor (PR 0.224). Esse resultado parece estar enviesado por haver apenas 184 ocorrências totais de vogal pretônica /o/ seguida por consoante dorsal, o que corresponde a menos de 10% do total de 2.031 casos. Os 11 casos de alçamento presentes nesse contexto correspondem a apenas 3,26% dos 337 casos totais de aplicação do alçamento.

No que tange à variável **estrutura da sílaba em que a pretônica-alvo ocorre**, apesar de, a princípio, terem sido considerados sete fatores (já apresentados anteriormente), foram necessários alguns amálgamas, o que resultou na consideração final de apenas quatro fatores, apresentados adiante. Nos dados, foram encontradas 15 ocorrências de /e/ presentes em sílaba com estrutura **ataque complexo + rima (núcleo + coda nasal)**, bem como 4 casos de /e/ e 8 casos de /o/ em sílaba com **ataque + rima complexa (núcleo + coda complexa)** que não apresentaram alçamento, resultando, portanto, em *knockouts* durante a rodada no programa estatístico. Por contarem com um elemento nasal em coda, foram amalgamados com as ocorrências presentes em sílaba com **ataque + rima (núcleo + coda nasal)**. Verificaram-se também 6 ocorrências de /e/ em sílaba com **ataque complexo + rima (núcleo + coda sem ser nasal)**, as quais não apresentaram alçamento. Essa estrutura silábica, portanto, foi amalgamada com **ataque + rima (núcleo + coda sem ser nasal)**, por ambas apresentarem sílaba travada por elemento não nasal. Feitos os amálgamas, as rodadas puderam prosseguir, dando origem aos resultados expressos na tabela a seguir.

¹⁶ Possivelmente, essa observação também seja pertinente para o fato de a porcentagem ser menor para a dorsal (16,7%) em relação à coronal (18%) e ser maior o PR para a dorsal (0.703) em relação à coronal (0.497).

Tabela 10 – Alçamento de /e/ e de /o/ em relação à estrutura da sílaba em que a pretônica-alvo ocorre

	Pretônica /e/		Pretônica /o/	
	Frequência	PR	Frequência	PR
ataque + rima (núcleo)	17% (353/2078)	0.556	24,2% (271/1119)	0.698
ataque (complexo ou não) + rima (núcleo + coda nasal ou coda complexa apresentando elemento nasal)	07,2% (22/305)	0.254	05,2% (24/458)	0.127
ataque (complexo ou não) + rima (núcleo + coda sem ser nasal)	10,6% (39/369)	0.333	11,7% (36/307)	0.506
ataque complexo + rima (núcleo)	32,6% (60/184)	0.657	04,1% (6/147)	0.398
Total	16,1% (474/2936)		16,6% (337/2031)	
	Input: 0.076		Input: 0.098	
	Signif.: 0.019		Signif.: 0.037	

Fonte: Elaboração própria.

No que tange a essa variável, verifica-se que, para /e/, sílabas travadas desfavorecem o alçamento, especialmente a travada por elemento nasal (PR 0.254), como em *d[e]ntista*. Sílabas abertas, seja sem ou com ataque complexo, como, respectivamente, em *par[i]cia* e *pr[i]ferível*, mostram-se favorecedoras da aplicação do alçamento (PRs 0.556 e 0.657, respectivamente). Para /o/, sílaba constituída por **ataque + rima (núcleo)**, como em *s[u]fri*, é favorecedora do alçamento (PR 0.698). Sílaba fechada por elemento não nasal, como em *p[o]rtão*, é neutra (PR 0.506). Já a sílaba que contém **ataque complexo + rima (núcleo)**, como em *patr[o]cine*, é desfavorecedora (PR 0.398), mas, assim como para /e/, a estrutura silábica mais desfavorecedora é a fechada por elemento nasal, como em *v[o]ntade*, com PR 0.127.¹⁷

De modo geral, os resultados aqui expressos vão ao encontro dos obtidos por Carmo (2009), pois, em ambos os trabalhos, a sílaba que apresenta coda, seja ela nasal ou não – no estudo de Carmo (2009), PRs 0.39 e 0.44, respectivamente –,

¹⁷ Nota-se que, para /o/, há apenas 6 dados em que as sílabas apresentam **ataque complexo + rima (núcleo)**, o que possivelmente tenha motivado, para esse fator, a porcentagem de 4,1% ser ligeiramente menor do que a de 5,2% para as sílabas com elemento nasal na coda, embora os PRs desses fatores sejam, respectivamente, 0.398 e 0.127.

desfavorece o alçamento de /e/, enquanto que, para /o/, a sílaba com apenas coda **nasal** é desfavorecedora da realização do alçamento – PR 0.07, na pesquisa da autora. Para o dialeto gaúcho, Bisol (1981) observou que a nasalidade é favorável ao alçamento de /e/, com PR 0.70. Desse modo, verificam-se resultados diferenciados para a variedade gaúcha e a riopretense.

Resultados das variáveis sociais

Embora, de modo geral, as variáveis sociais não tenham se mostrado tão importantes quanto as variáveis linguísticas, os resultados encontrados devem ser analisados.

Quanto à variável **sexo/gênero**, selecionada apenas para a vogal pretônica /o/, tem-se:

Tabela 11 – Alçamento de /o/ em relação ao sexo/gênero

	Pretônica /o/	
	Frequência	PR
Feminino	15,7% (162/1032)	0.459
Masculino	17,5% (175/999)	0.543
Total	16,6% (337/2031)	

Input: 0.098

Signif.: 0.037

Fonte: Elaboração própria.

Verifica-se que os homens aplicam mais frequentemente o alçamento (17,5%) do que as mulheres (15,7%). Em termos de probabilidade, verifica-se que o alçamento é levemente favorecido pelo fator **sexo/gênero masculino** (PR 0.543), ao passo que é levemente desfavorecido pelo fator **sexo/gênero feminino** (PR 0.459). Apesar de a frequência e a probabilidade de ocorrência de alçamento da vogal /o/ se mostrarem levemente mais altas na fala de homens do que na de mulheres, o que poderia indiciar estigma (CHAMBERS, 1995) aos itens lexicais que apresentam vogal pretônica alçada, tal afirmação não pode ser sustentada estatisticamente, pelo fato de ambos os PRs serem bastante próximos a 0.5.

No que diz respeito à **faixa etária**, selecionada apenas para a vogal /e/, tem-se a tabela apresentada a seguir:

Tabela 12 – Alçamento de /e/ em relação à faixa etária

	Pretônica /e/	
	Frequência	PR
7 a 15 anos	14,9% (76/509)	0.529
16 a 25 anos	15,1% (71/471)	0.429
26 a 35 anos	11,7% (53/452)	0.466
36 a 55 anos	18,9% (161/851)	0.575
Acima de 55 anos	17,3% (113/653)	0.455
Total	100% (474/2936)	

Input: 0.076

Signif.: 0.019

Fonte: Elaboração própria.

Como pode ser observado, a faixa etária que mais favorece o alçamento é a de 36 a 55 anos (PR 0.575). Em segundo lugar, tem-se a faixa etária mais jovem, ou seja, dos 7 aos 15 anos (PR 0.529). As outras faixas etárias mostram-se levemente desfavorecedoras do alçamento, com PRs 0.466, 0.455 e 0.429 para, respectivamente, 26 a 35 anos, acima de 55 anos e 16 a 25 anos. De modo geral, as diferentes faixas etárias apresentam PRs relativamente próximos de 0.5. Dessa forma, pode-se dizer que os resultados obtidos não permitem a afirmação de que o alçamento vocálico da vogal /e/ se encontra em mudança.

Além disso, verifica-se uma não correlação entre PRs e porcentagens dos fatores considerados,¹⁸ com exceção da faixa etária de 36 a 55 anos, que apresentou a maior porcentagem (18,9%) e o maior PR (0.575). Essa não correlação sinaliza a necessidade de futuras investigações a respeito dos perfis sociais dos informantes analisados, a fim de identificar possíveis hipóteses explicativas para os resultados descritos. De qualquer modo, verifica-se que as porcentagens desses fatores são bastante próximas entre si (de 11,7% a 17,3%), assim como os PRs (de 0.429 a 0.529), próximos também de 0.5, como destacado acima.

Quanto à vogal /o/, como já apresentado, o fato de a **faixa etária** não ter sido selecionada como relevante à realização do alçamento indica que o processo se encontra em variação estável.

¹⁸ A faixa-etária de 7 a 15 anos, por exemplo, apresenta o segundo maior PR (0.529), mas a quarta maior porcentagem (14,9%).

No que diz respeito à escolaridade, têm-se os resultados apresentados na tabela 13.

Tabela 13 – Alçamento de /e/ em relação à escolaridade do informante

	Pretônica /e/	
	Frequência	PR
1º Ciclo do Ensino Fundamental	19,8% (64/324)	0.622
2º Ciclo do Ensino Fundamental	15,1% (119/786)	0.498
Ensino Médio	16,1% (150/934)	0.441
Ensino Superior	15,8% (141/892)	0.518
Total	16,1% (474/2936)	
	Input: 0.076	
	Signif.: 0.019	

Fonte: Elaboração própria.

Verifica-se que o grau de escolaridade considerado mais baixo – o primeiro ciclo do Ensino Fundamental – é o mais favorecedor da aplicação do alçamento, com PR 0.622. O grau de escolaridade mais alto – o Ensino Superior – e o segundo ciclo do Ensino Fundamental mostram-se neutros em relação ao alçamento (PRs 0.518 e 0.498, respectivamente) e o Ensino Médio mostra-se levemente desfavorecedor da realização do fenômeno (PR 0.441). Dados os resultados, a afirmação de que os anos de estudo formal exercem influência na aplicação do alçamento dessa vogal, na variedade do noroeste paulista, deve ser feita com muita cautela, já que as taxas são relativamente próximas e não exatamente decaem com o decorrer da escolaridade. Outro indício de que esses resultados merecem investigação detalhada é a não correlação entre os PRs e as porcentagens de três – **2º ciclo do Ensino Fundamental, Ensino Médio e Ensino Superior** – dos quatro fatores considerados.¹⁹ No entanto, assim como realizado para a variável **faixa etária**, deve-se destacar o fato de que as porcentagens de alçamento dos referidos fatores da variável **escolaridade** são bastante próximas (de 15,1% a 16,1%), assim como os PRs (0.441 a 0.518), que são também próximos a 0.5. Neste trabalho, apresentam-se esses resultados e acena-se, como passo futuro de investigação, a análise detalhada dos perfis sociais dos informantes, a fim de apurar os resultados ora descritos.

¹⁹ Por exemplo, para informantes do Ensino Superior, o PR 0.518 é o segundo maior entre os quatro fatores, enquanto a porcentagem de aplicação (15,8%) é a terceira maior.

Considerações finais

Nesta seção, são retomados os principais resultados obtidos por meio do levantamento e análise de dados realizados até o momento da investigação sobre o alçamento vocálico na variedade do PB falada na região do noroeste paulista.

De modo geral, pode-se dizer que a **harmonização** é o processo mais atuante a favor do alçamento vocálico pelo fato de a variável **altura da vogal presente na sílaba subsequente à sílaba da pretônica-alvo** ter sido selecionada, tanto para /e/ quanto para /o/, como a variável mais relevante para a aplicação do alçamento, com altos PRs para as vogais altas. Sobre esse processo, os resultados referentes às vogais médias pretônicas na variedade do noroeste paulista parecem corroborar a afirmação de Bisol (1981) de que a **tonicidade** da vogal alta presente na sílaba seguinte à da pretônica-alvo é um fator relevante, mas não determinante para a aplicação do alçamento, especialmente no que tange à vogal pretônica /e/, e, para ambas as vogais, a **contiguidade** da sílaba da vogal alta em relação à da pretônica-alvo é um fator obrigatório para a aplicação do processo. Além disso, verificou-se também que a **atonicidade permanente** é um fator favorecedor da realização do alçamento, como apontado pela autora. Outro resultado relevante é o de que as vogais médias pretônicas em verbos de terceira conjugação parecem ter o alçamento favorecido quando as formas verbais apresentam **harmonia vocálica** na raiz verbal em outras formas do mesmo paradigma.

Em relação à **redução vocálica**, para a vogal pretônica /e/, têm-se dois resultados que devem ser destacados: (i) o ponto de articulação da consoante precedente não foi selecionado pelo programa estatístico; e (ii) destaca-se a influência da consoante **dorsal** em posição seguinte, devido ao traço de altura das consoantes velares. Desse modo, para essa vogal, pode-se afirmar que a redução vocálica não apresenta forte atuação em relação ao alçamento, quando comparada à harmonização vocálica. Quando ocorre, porém, parece estar em jogo unicamente a questão da **altura** do ponto de articulação da consoante **seguinte**. Quanto à pretônica /o/, identifica-se uma grande influência por parte da consoante **labial**, que, tanto em posição precedente quanto em posição seguinte, favorece a aplicação do alçamento.

Em relação à **estrutura silábica**, no geral, o alçamento é inibido quando a vogal pretônica está presente em sílaba com coda, especialmente se esta for preenchida por elemento nasal.

Por fim, em relação às variáveis sociais, os resultados apontam que o **sexo/gênero** e a **escolaridade do informante** não parecem exercer influência na aplicação do alçamento. Esses resultados fornecem indícios de que o alçamento vocálico não é um fenômeno estigmatizado na comunidade riopretense. Quanto à variável **faixa etária**, para /o/, o fato de não ter sido selecionada pelo programa

estatístico e, para /e/, os PRs serem bastante próximos a 0.5 indicam que o alicamento das vogais médias pretônicas na variedade do noroeste paulista se encontra em variação estável.

CARMO, M. C. do; TENANI, L. E. The pretonic mid-vowels in the variety of the Northwest of São Paulo: a sociolinguistic analysis. *Alfa*, São Paulo, v.57, n.2, p.607-637, 2013.

- **ABSTRACT:** *This work aims to analyse the variable behaviour of the pretonic mid-vowels in the variety of the Northwest of São Paulo State. These vowels are subject to the phonological phenomenon named “vowel raising”, through which the mid-vowels /e/ and /o/ are pronounced, respectively, as [i] and [u], e.g. p[i]queno and c[u]sturando. As a theoretical background, the Theory of Linguistic Variation and Change (Labov, 1991 [1972]) is followed. Through the utilisation of the statistical package GOLDVARB-X, it was observed, for instance, the selection of the “height of the vowel in the subsequent syllable” as the most relevant variable to the vowel raising of both /e/ and /o/, with high relative weights concerning the high vowels. This result evinces a substantial actuation of the vowel harmony to the application of the phenomenon. Another relevant result is the small influence of the social variables to the application of vowel raising, which demonstrates that this phenomenon is related, primarily, to information of linguistic nature.*
- **KEYWORDS:** *Linguistic Variation. Quantitative Sociolinguistics. Phonology. Pretonic Mid-vowels. Vowel Raising.*

REFERÊNCIAS

ABAURRE-GNERRE, M. B. M. Processos fonológicos segmentais como índices de padrões prosódicos diversos nos estilos formal e casual do português do Brasil. *Caderno de Estudos Linguísticos*, Campinas, v.2, p.23-44, 1981.

BISOL, L. *Harmonia vocálica: uma regra variável*. 1981. 280f. Tese (Doutorado em Linguística) – Faculdade de Letras, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 1981.

BORTONI, S. M. A variação das vogais médias pretônicas no português de Brasília: um fenômeno neogramático ou de difusão lexical? *Revista Estudos da Linguagem*, Belo Horizonte, v.1, n.1, p.9-30, 1992.

CÂMARA JÚNIOR., J. M. *Estrutura da língua portuguesa*. 40. ed. Petrópolis: Vozes, 2007.

CARMO, M. C. *As vogais médias pretônicas dos verbos na fala culta do interior paulista*. 2009. 119f. Dissertação (Mestrado em Estudos Linguísticos) – Instituto de Biociências, Letras e Ciências Exatas, Universidade Estadual Paulista, São José do Rio Preto, 2009.

CELIA, G. F. *As vogais médias pretônicas na fala culta de Nova Venécia – ES*. 2004. 114f. Dissertação (Mestrado em Linguística) – Instituto de Estudos da Linguagem, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2004.

CHAMBERS, J. K. *Sociolinguistic theory: linguistic variation and its social significance*. Cambridge: Blackwell, 1995.

COLLISCHONN, G. *Fonologia do português brasileiro, da sílaba à frase*. Porto Alegre: Gráfica da UFRGS, 2006.

_____. A sílaba em português. In: BISOL, L. (Org.) *Introdução a estudos de fonologia do Português Brasileiro*. 2. ed. Porto Alegre: EDIPUCRS, 1999. p.91-119.

COLLISCHONN, G.; SCHWINDT, L. C. Harmonia vocálica no sistema verbal do português do sul do Brasil. *Estudos de Fonologia e de Morfologia*. Porto Alegre, v.18, n.36, p.73-82, 2004.

FARACO, C. A. *Linguística histórica: uma introdução ao estudo da história das línguas*. São Paulo: Parábola, 2005.

COLLISCHONN, S. C. L. *Banco de dados Iboruna: amostras eletrônicas do português falado no interior paulista*. Disponível em: <<http://www.alip.ibilce.unesp.br/iboruna>>. Acesso em: 13 ago. 2008.

LABOV, W. *Sociolinguistic Patterns*. 11. ed. Philadelphia: University of Pennsylvania Press, 1991.

SELKIRK, E. The Syllable. In: HULST, H.; SMITH, N. (Ed.). *The Structure of Phonological Representations (Part II)*. Dordrecht: Foris, 1982. p.337-383.

SILVEIRA, A. A. M. *As vogais pretônicas na fala culta do noroeste paulista*. 2008. 143f. Dissertação (Mestrado em Estudos Linguísticos) – Instituto de Biociências, Letras e Ciências Exatas, Universidade Estadual Paulista, São José do Rio Preto, 2008.

TARALLO, F. *A pesquisa sociolinguística*. 7. ed. São Paulo: Ática, 2003.

VIEGAS, M. C. *O açamento de vogais médias pretônicas e os itens lexicais*. 2001. 281f. Tese (Doutorado em Estudos Linguísticos) – Faculdade de Letras, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2001.

_____. *Açamento das vogais pretônicas: uma abordagem sociolinguística*. 1987. 231f. Dissertação (Mestrado em Estudos Linguísticos) – Faculdade de Letras, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 1987.

YACOVENCO, L. C. *As vogais médias pretônicas no falar culto carioca*. 1993. 185f. Dissertação (Mestrado em Língua Portuguesa) – Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 1993.

Recebido em março de 2012

Aprovado em dezembro de 2012